

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

TRADICIONAL X CONTEMPORÂNEO: A DINÂMICA QUE PODE ENRIQUECER O CULTO PÚBLICO DA IGREJA

Traditional x Contemporary: the dynamics that can enrich the public
service of the church

Ma. Hariet Wondracek Kruger

RESUMO

A busca por um estilo perfeito que possa fazer do culto público um acontecimento espiritual relevante para a atual geração é constante, e passa por diversas fases. O fato é que nenhum estilo é eterno, nem permanente, e os estilos passam por processos de transformação que a maioria das pessoas prefere não enfrentar. A exclusividade do uso de apenas um deles em detrimento do outro carrega-se de controvérsias e traz consigo discussões e divergências entre líderes e liderados, causando até mesmo divisões sérias na igreja. Faz-se necessário, portanto, um estudo apropriado da dinâmica destes

¹A autora é Bacharela em Música Sacra pelo STBSB (Rio de Janeiro) e Bacharela em Sociologia (UNIJUÍ), pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER (Curitiba), Mestre em Teologia com área de Concentração em Ministério da Música pelo STBSB (Rio de Janeiro) e Mestre em Teologia Profissional pela FABAPAR (Curitiba). Professora na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí-RS). E-mail: harietwk@hotmail.com

estilos, junto com suas possibilidades de convívio e aceitação, sem deixar de perceber que escolhas exclusivas sempre causarão alguma forma de rejeição do grupo que não as aprecia.

Palavras-chave: Culto. Convívio. Tradição. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The search for a perfect style, that can make the public service a relevant spiritual event for the current generation, is constant, and goes through several phases. The fact is that no style is eternal, nor permanent, and the styles go through processes of transformation, that most people prefer not to face. The exclusivity of the use of only one over the other is fraught with controversy and brings with it discussions and disagreements between leaders and subordinated ones, causing even serious divisions in the church. It is necessary, then, an appropriate study of the dynamics of these styles, together with their possibilities of conviviality and acceptance, realizing that exclusive choices will always cause some form of rejection by the group that does not appreciate them.

Keywords: Service. Conviviality. Tradition. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

As significativas instabilidades do século 21 certamente trouxeram muitas dúvidas a respeito de como conduzir os cultos públicos das igrejas evangélicas. De acordo com a escritora e teóloga americana Marwa Dawn, esta é uma época visual e sensorial, em que “sentir é crer”, muito mais do que pensar. Além disto, ser convencido por argumentos lógicos também vale como escolha eclesial. Percebe-se que um número crescente de congregações assume práticas de culto sem antes investigar o que o culto significa, e como se relaciona com a cultura tradicional.²

Há ainda outra constatação referente ao assunto, vinda das igrejas atuais, que envolve algumas características: as pessoas querem entretenimento no culto, as pessoas não entendem bem para que ele serve e conseguem viver bem sem sua existência. Muitas vezes nem relacionam sua própria resposta de fé ao

² DAWN, Marwa. **Reaching out without dumbing down:** a theology of worship for the turn-of-the-century culture. Grand Rapids: Eerdmann, 1995, p. 3-4.

momento do culto.³ Parte das dúvidas entre o uso de elementos tradicionais ou contemporâneos no evento - que deveria unir a maior parte dos membros da igreja - tem origem nestas características. Como tornar o culto relevante para as pessoas da comunidade, sem ferir as sensibilidades e as formas de comunicação de cada um?

Tentando esclarecer, pelo menos em parte, esta importante questão, este artigo abordará as principais características do que é “tradição” e “contemporaneidade”, na primeira parte, para que se possa definir de onde partem os conceitos mais importantes de escolha de elementos do culto. Em seguida, as possíveis consequências da radicalização de estilos serão analisadas, bem como seus efeitos sobre a congregação e seus líderes, que desejam excluir um ou outro estilo de suas reuniões públicas. Finalmente, a dinâmica do que é tradicional ou contemporâneo será analisada, pois que nenhum dos dois é fixo nem definitivo, sofrendo os efeitos do tempo e das mudanças da sociedade em si. A música do culto também será considerada em boa parte desta análise, já que é uma das principais portas de acesso para as diferenças de preferência entre pessoas e comunidades.

1. TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

O termo “tradição” é usado de diversas formas, inclusive relacionadas a lugares geográficos onde a comunidade vive. Mas, em se tratando de tradição cristã, pode-se afirmar que, quando incorporada aos textos bíblicos e sua interpretação, de acordo com diferentes épocas e lugares, leva adiante “certos modos de olhar para as coisas, certos modelos para interpretar a experiência”. O significado e propósito das coisas e da vida são analisados sob este prisma, diferentemente da ciência.⁴

Entre os batistas, o termo relaciona-se com o passado e com o que se está acostumado. Na área musical, refere-se ao “ritmo comportado”, com padrão estabelecido há mais tempo. O texto parece mais elaborado, e traduzido dos hinários, cantados habitualmente por movimentos evangélicos anteriores, herdados há mais gerações. A melodia é fácil, harmonização feita para quatro

³ OWENS, Ron. **Return to worship**: a God centered approach. With: Jan McMurray. Nashville: Broadmann, 1999, p. 102-103.

⁴ RAMASHANDRA, Vinoth. **A falência dos deuses**: a idolatria moderna e a missão cristã. Tradução de Milton Azevedo Andrade. São Paulo: ABU, 2000, p. 244-245

vozes, em tonalidade bem definida.⁵

De forma geral, “tradicional” é o que é feito como hábito, contém uma boa dose de repetição e costume. Tem muito a ver com a identidade religiosa e cultural, e tem a intenção de envolver o ser humano na coletividade. Há necessidade de uma linguagem comunicativa, para que a troca e a conversação permaneçam reais.⁶ Visto desta forma, é uma necessidade humana e comunitária, como elo que liga grupos que devem permanecer juntos.

Quando o Apóstolo Paulo se refere ao termo em suas cartas às igrejas, é bem possível que estivesse pensando na unidade doutrinária das mesmas. “Portanto, irmãos, permaneçam firmes e apeguem-se às tradições que lhes foram ensinadas, quer de viva voz, quer por carta nossa” (2 Ts 2.15, NVI). Em outra carta, o mesmo autor elogia a igreja de Corinto por “se apegarem às tradições exatamente como as transmiti a vocês” (1 Co 11.2 NVI). Haveria firmeza e igualdade de pensamento através deste procedimento. Mas, em outra carta, Paulo despreza a tradição como não recomendável, vinda de procedimentos humanos (Cl 2.8 NVI), ou vinda de antepassados zelosos da Lei (Gl 1.14 NVI). Pode-se, portanto, concordar com Christian Schwartz: “por si só, as tradições não são nem boas, nem más. A verdadeira questão é o que se faz com elas”⁷

Por outro lado, o termo “contemporaneidade” está relacionado ao que é atual. Proporciona novas experiências, de acordo com as exigências da atividade humana e as mudanças de suas instituições. Os estragos do tempo e os conflitos entre os grupos cujas atividades a instituição regula, são fatos reais.⁸ Estas mudanças são parte da evolução social e intelectual do mundo, à medida que se descarta o que não funciona, trocando-o por algo supostamente melhor. Allen e Borrór chamam a atenção para o fato de que “a grande necessidade de nossos dias nas igrejas evangélicas é uma renovação nos cultos”⁹

⁵ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos para o culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2001, p. 59-60.

⁶ BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução de José Campos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 72.

⁷ SCHWARTZ, Christian. **Mudança de paradigma na igreja**. Tradução de Josué Ribeiro. Curitiba: Esperança, 2001, p. 156.

⁸ BERGER, 1985, p. 49.

⁹ ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. **Worship: rediscovering the missing jewel**. Portland: Multnomah Press, 1982, p. 77.

Há um elemento humano característico, que está relacionado à busca de novas experiências, que evitem a monotonia, diversificando as formas de expressão, de acordo com o seu próprio temperamento e do tipo de sociedade em que ele vive.¹⁰ Entretanto, a busca pode se tornar incessante, pois algo que comunica em vários momentos seguidos, deixa de produzir a mesma sensação, causando enfado e previsibilidade.

Em se tratando de formas de culto, isto é bem provável de acontecer. A repetição de comportamentos litúrgicos pode mesmo trazer monotonia sonora e visual. É inerente ao ser humano dedicar parte de si a novas descobertas, mesmo quando apoiado em elementos conhecidos e tradicionais.

Vista desta forma, a contemporaneidade visa buscar estímulo diferente do ato realizado mecanicamente. A tendência do ser humano sem estímulo é permanecer entregue a si mesmo, prosseguindo no mesmo curso de pensamentos, ilimitadamente. Esta tendência só será interrompida por uma nova percepção, que provocará uma nova série de emoções e aprendizados.¹¹

Klaus Douglass, pastor luterano alemão, afirma que retardar ou proibir a entrada de elementos contemporâneos no culto cristão, inclusive na área da música, acaba sendo barreira entre as pessoas e o Evangelho.¹² Quando não há comunicação entre a igreja e o mundo social, perdem-se os laços emocionais e a orientação de suas experiências. Inclusive, há a possibilidade de perda do senso da realidade e da identidade.¹³

Ainda em relação à música, o musicólogo americano Donald Hustad afirma que esta “deve comunicar e expressar o Evangelho em uma linguagem de texto e uma linguagem musical que sejam amplamente inteligíveis por parte da cultura para a qual se dirige.”¹⁴ Entretanto, o mesmo autor chama a atenção para o fato de que a Teologia expressada deve ser da melhor qualidade, “colocando todas as doutrinas daquela fé em um equilíbrio adequado”¹⁵

Pode-se, portanto, perceber que a contemporaneidade precisa estar

¹⁰ KOENING, Samuel. **Elementos de sociologia**. Tradução de Vera Borda. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 52.

¹¹ FRANÇA, Eduardo Ferreira. **Investigações de psicologia**. 2.ed. São Paulo: USP, 1973, p. 260.

¹² DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus: o despertar de um novo culto**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000, p. 44.

¹³ BERGER, 1985, p. 34.

¹⁴ HUSTAD, Donald P. **Jubilate! A música na igreja**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 52.

¹⁵ HUSTAD, 1986, p. 52.

presente para que haja renovação na forma de comunicar, provocação de estímulos novos e atualização de pensamentos. O culto não deve parecer uma caixa de antiguidades, mas manter a ideia de que as experiências com Deus são novas, portanto trazem novo linguajar e novos cânticos. Estes servirão para que outros creiam em Deus, como no Salmo de Davi: “Pôs um novo cântico na minha boca, um hino de louvor ao nosso Deus. Muitos verão isso e temerão, e confiarão no Senhor” (Sl 40.3, NVI).

2. POSSÍVEIS EFEITOS DA RADICALIZAÇÃO DE ESTILOS

Por “radicalização” entende-se o fechamento de fronteiras, bem como a exclusividade em torno de um só estilo de culto, ou uma só forma de adoração, considerando-se as outras como inadequadas para uso na igreja ou para a linguagem atual, tanto do lado tradicional como do contemporâneo.

O primeiro possível efeito é o do formalismo, definido como excessiva atenção às formas externas. Não acontece só no culto tradicional, mas também no contemporâneo, já que as formas servem para satisfazer o gosto pessoal, agradar os não-cristãos, a ministração pastoral, não perder a competição com outras igrejas, o que pode se transformar em idolatria.¹⁶

Christian Schwarz afirma que o formalismo, em qualquer lado, é o caminho para a “necrolatria”, com a vida sendo substituída por rituais de formas variadas, de acordo com a posição básica e o estilo a ser assumido. Quanto mais o formalismo se estabelece, menos importa o conteúdo.¹⁷ Esta é uma das mais tristes constatações nos cultos atuais: muitos cristãos só participam se forem satisfeitos com determinados instrumentos, música, mensagens e rituais. São formais tradicionais ou contemporâneos, dependentes da forma acima de qualquer mensagem, rejeitando o que não for de seu agrado.

O comodismo é outra possível consequência da escolha exclusiva de algum estilo para o culto. A mesmice e a repetição poupam esforços e trabalho. Ainda, “a interação das condutas habituais se tornam compulsórias, independentes de ordens e coações que as determinem inicialmente.¹⁸ Desta forma, pode-se pensar que um só estilo de culto dá menos trabalho, trazendo uma sensação

¹⁶ HUSTAD, Donald P. **True worship**: reclaiming the wonder & majesty. Wheaton: Hope Publishing Company, 1998, p. 45-46.

¹⁷ SCHWARTZ, 2001, p. 27.

¹⁸ LOPEZ, Myra y. **Quatro gigantes da alma**: o medo, a ira, o amor, o dever. Tradução de Cláudio Araujo Lima. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1982, p. 193.

confortável e confiável. Funciona assim, e continua assim, podem pensar os adeptos do estilo exclusivo.

Há também o perigo de a repetição tornar irrelevante o acontecimento do culto. Tanto no estilo tradicional como no contemporâneo, o culto pode se transformar no que John McArthur Jr chama de “culto carrossel”, onde tudo é cronometrado, medido, há movimento o tempo todo, sensação agradável; nada desafia, nada ameaça. “Embora pareça que as pessoas foram a algum lugar, na realidade, ficaram dando voltas, saindo do local pela mesma porta em que entraram.”¹⁹ Ou seja: o comodismo não as deixou tomar nenhuma decisão, nem aceitar qualquer desafio, nem aprender nada novo.

Há também o perigo de o comodismo trazer uma seleção de frases emocionais, resumindo o credo cristão a frases como “Sorria, Jesus te ama”. Os grupos da igreja poderão ser divididos por idade ou interesse, ou ainda, por preferência estética. A preferência poderá ser apreciar em vez de participar.²⁰ Cada grupo se apropriará do que mais gosta, e mais uma vez, o convívio e aceitação mútuos poderá não acontecer. Embora vários autores possam aceitar e defender a exclusividade de estilos, a maioria dos estudiosos vê com preocupação o individualismo de cristãos que não conseguem aceitar outra forma de comunicação e culto que não seja a sua preferida.

O comodismo da solução das congregações separadas por estilos de culto não é defendido por Donald Hustad, em sua obra “*True worship*”. Um de seus argumentos é o de que a igreja é feita para ser um corpo, que participa em conjunto do pão e do vinho, estando salvos pelo mesmo Senhor Jesus Cristo. Como juntar um corpo dividido em torno da mesa do Senhor? Considera a separação por estilos como solução *band-aid*”, mas não o caminho para uma igreja de cristãos maduros.²¹

Maturidade se alcança quando “Cristo é tudo em todos”, não havendo diferenças entre “judeu e grego, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre” (Cl 3.11, NVI). A família participa das mesmas experiências da pessoa só, o idoso do jovem, o instruído com o analfabeto, mas todos com amor cristão uns pelos outros.

¹⁹ McARTHUR JR, John. **Nossa suficiência em Cristo**: três influências letais que minam sua vida espiritual. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2001, p. 127.

²⁰ HUSTAD, 1998, p. 198-200.

²¹ HUSTAD, 1998, p. 147-150.

Parece ser uma utopia esta ideia, entretanto pode-se perceber que a unidade da igreja depende da obediência à ordem de aceitação e amor uns pelos outros. Embora sejam planejados momentos de programações específicas para grupos diversos, o culto da igreja reunida deveria ser um tempo especial de convívio, independente do uso deste ou daquele estilo de programação. Por isto, a dinâmica destes deve ser conhecida, ajudando a entender o quanto são mutáveis.

3. A POSSÍVEL DINÂMICA DOS ESTILOS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS

A história tem provado que nenhum estilo permanece para sempre. Novas “ondas” surgem de tempos em tempos, muitas delas motivadas por novos tipos de experiência cristã, novas formas de comunicação, planos de crescimento diferenciado, mudanças de público e alvo. Cada nova “onda” faz a anterior parecer ultrapassada, ainda mais se for considerada a velocidade e a superficialidade trazidas por cada novo meio de comunicação aliado ao *marketing* do último modelo. Entretanto, em meio a este mundo desorganizado e instável, surgem algumas evidências que tornam possível o entendimento da necessidade de convívio pacífico entre diversas formas de cultura.

A primeira delas é que tudo o que é tradicional hoje, foi contemporâneo no passado. Klaus Douglass afirma que “todas as grandes tradições começaram como inovações”²². Existe o fator cíclico da história que demonstra isto. Quando microfones foram instalados nas igrejas, houve protestos. Atualmente são imprescindíveis até mesmo em igrejas pequenas, pois há ruídos maiores nas ruas. Quando guitarras ou baterias começaram a ser usadas nos cultos, muitos levantavam-se e iam embora, não querendo os instrumentos “do mundo” no culto. O mesmo tinha acontecido com o violão, e ainda mais antigamente, com o piano. Tudo foi inovação, e atualmente é tradição.

Um dos exemplos mais conhecidos é o do grupo chamado de “metodista”, que começou como uma inovação e “contracultura” dentro da Igreja Anglicana, enfatizando cultos ao ar livre, entusiastas, com cânticos vibrantes em ritmos de ópera associados às pregações. Foi um choque cultural, hoje é tradição.²³

²² DOUGLASS, 2000, p. 7.

²³ BASDEN, Paul. **Estilos de louvor**. Tradução de Émerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 73.

Na área da música, hinos como “Castelo Forte”, utilizado por Lutero com uma adaptação de uma melodia cantada na taverna, foi transformada em sacra e tradicional nos dias de hoje. Outros hinos antigos do Cantor Cristão ou do Hinário para o Culto Cristão, ambos usados pelas igrejas batistas tradicionais, foram adaptados de canções folclóricas de vários países, inclusive dos Estados Unidos. Cânticos antigos cantados raramente nas igrejas têm a mesma característica. Foram sucesso no passado, hoje são considerados tradicionais.

Este fato leva à próxima constatação da dinâmica de estilos: tudo o que é contemporâneo no culto atual será tradicional em pouco tempo. Exemplo foi o próprio movimento da Reforma Luterana, que em menos de um século foi se tornando uma “coletânea de declarações doutrinárias absolutas, uma ortodoxia, um sistema eclesiástico”.²⁴ Quando a Reforma se tornou, ela mesma, uma ortodoxia, levantou-se o Pietismo, que lutou contra a ortodoxia luterana – e logo se tornou também ortodoxia.²⁵

Pode-se perceber a realidade desta dinâmica nos dias atuais, em todas as igrejas que se consideram cristãs. Muitas, em especial as neopentecostais, ao sentirem que estão decaindo para o tradicionalismo ou ortodoxia, montam uma nova “campanha”, pela televisão ou outras formas de comunicação, substituindo a antiga forma de cultuar, mantendo o interesse de seus fiéis. Portanto, nenhuma das formas chamadas “contemporâneas” veio para ficar.

Finalmente, pode-se perceber que o caminho pode ser o convívio entre os dois. O estilo tradicional pode revestir-se dos elementos contemporâneos e o contemporâneo pode utilizar-se de elementos tradicionais. O ideal é que as pessoas que vêm para o culto queiram permanecer na igreja, porque encontraram nela momentos significativos que as levaram para perto de Deus.²⁶

Não parece real que a exclusividade ou radicalização de um só estilo de culto vá alcançar as pessoas para sempre. Por isto, elementos novos e elementos tradicionais podem conviver pacificamente, com a noção de que não é necessário descartar um para apreciar o outro. Como afirma Klaus Douglass, “já teríamos ganho muito se conseguíssemos restabelecer o equilíbrio entre

²⁴ SCHWARTZ, 2001, p. 88.

²⁵ SCHWARTZ, 2001, p. 91.

²⁶ BASDEN, 2000, p. 33.

o moderno e tradicional nas igrejas”²⁷ Talvez a herança histórica possa ser preservada em roupagem mais atualizada, com novo linguajar, novas formas de comunicação, que incluam *sites*, *blogs* e diversas redes virtuais de relacionamento. Palavras ou músicas com extremos em qualquer um dos estilos devem utilizar-se de instrumentos, sonoridades e formas familiares à maioria da congregação, pensando que a realidade popular pode ser bastante heterogênea.

Todos os novos movimentos, especialmente os que trazem renovação e avivamento espirituais, trazem novas expressões populares, e tendem a dispensar preciosas bagagens em favor do que é novo e não testado. Mas a igreja deverá aprender a equilibrar as expressões contemporâneas com aquilo que é bom do passado. Ambos são necessários e significantes.²⁸

Pensando nesta possibilidade, Donald Hustad defende os chamados *blended service*, ou, em português, cultos combinados, que trazem elementos novos e antigos. Na tradição, precisam mostrar que Deus se interessa pela história humana. Na contemporaneidade, mostrarão que permanece até hoje, renovado e atual.²⁹ A tradição batista é, na maioria dos casos, bastante livre no assunto. Seus cultos podem ter estilos contrastantes com elementos conservadores. Quando o culto tem estilo misto, cada participante poderá cultivar de acordo com sua preferência durante um bom período de tempo, preservando a unidade e o convívio entre os estilos.³⁰

Assim sendo, Donald Hustad cita quatro “pecados” que podem ser evitados com os estilos combinados: o orgulho na opinião de que os costumes pessoais são os mais adequados; o hedonismo, querendo dar como principal objetivo o prazer pessoal; o espectadorismo, quando alguém faz alguma coisa para o espectador; e o sentimentalismo, no apego de certas circunstâncias baseadas em experiências anteriores.³¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto público cristão é um momento muito importante, planejado para reunir o povo de Deus em um ambiente onde ocorra resposta ao seu amor,

²⁷ DOUGLASS, 2000, p. 67

²⁸ ALLEN; BORROR, 1982, p. 167.

²⁹ HUSTAD, 1998, p. 157-158.

³⁰ BASDEN, 2000, p. 190.

³¹ HUSTAD, 1986, p. 151.

louvor e gratidão pelo que foi recebido do Senhor, adoração pelo que Ele é. A instrução bíblica deve estar presente, o Espírito Santo deve agir com poder nos corações para converter pessoas de seus caminhos errados, bem como desafiar os fiéis à consagração de suas próprias vidas.

Os veículos utilizados são variáveis e múltiplos. Este artigo descreveu as principais características dos procedimentos tradicionais e contemporâneos para o culto público. Cada um deles traz consigo vantagens e desvantagens, em relação à vida eclesial e sua missão cristã. Existe a tendência da exclusividade em vários momentos do culto. Entretanto, a heterogeneidade das congregações e a dinâmica dos estilos não permitem escolhas suficientemente estáveis para serem consideradas ideais.

Assim, percebe-se que o convívio do que é tradicional com o que é contemporâneo no culto poderá ser o caminho para uma congregação forte, bem instruída, participante e consciente da importância de se permanecer junto, como corpo de Cristo. A individualização das experiências cristãs deve ser substituída pela coletividade e pelo amor de uns pelos outros, sendo todos iguais perante Deus.

Será uma busca constante pelo equilíbrio, passível de mudanças e adaptações. Assim, mesmo que o tempo de missão na terra ainda seja longo aos olhos humanos, a igreja permanecerá unida, glorificando ao Salvador, pedra angular de sua construção. E buscará ser a igreja ideal, aos olhos de Deus. “Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.” (Ef 3.20-21)

REFERÊNCIAS

ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. **Worship**: rediscovering the missing jewel. Portland: Multnomah Press, 1982. 200 p.

BASDEN, Paul. **Estilos de louvor**. Tradução de Émerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 190 p.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Tradução de José Campos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

193 p.

DAWN, Marwa. **Reaching out without dumbing down:** a theology of worship for the turn-of-the-century culture. Grand Rapids: Eerdmann, 1995. 316 p.

DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus:** o despertar de um novo culto. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000. 288 p.

FRANÇA, Eduardo Ferreira. **Investigações de psicologia.** 2.ed. São Paulo: USP, 1973. 578 p.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos para o culto cristão.** São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2001. 414 p. (Série: Teses e Dissertações, v.16)

HUSTAD, Donald P. **Jubilate!** A música na igreja. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986. 310 p.

_____. **True worship:** reclaiming the wonder & majesty. Wheaton: Hope Publishing Company, 1998. 308 p.

KOENING, Samuel. **Elementos de sociologia.** Tradução de Vera Borda. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 387 p.

LOPEZ, Myra y. **Quatro gigantes da alma:** o medo, a ira, o amor, o dever. Tradução de Cláudio Araujo Lima. 12.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1982. 224 p.

McARTHUR JR, John. **Nossa suficiência em Cristo:** três influências letais que minam sua vida espiritual. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2001. 224 p.

OWENS, Ron. **Return to worship:** a God centered approach. With: Jan McMurray. Nashville: Broadmann, 1999. 207 p.

RAMASHANDRA, Vinoth. **A falência dos deuses:** a idolatria moderna e a

missão cristã. Tradução de Milton Azevedo Andrade. São Paulo: ABU, 2000. 286 p.

SCHWARTZ, Christian. **Mudança de paradigma na igreja**. Tradução de Josué Ribeiro. Curitiba: Esperança, 2001. 284 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2017

DIÁCONOS: PARA ONTEM E HOJE (PRIMEIRA PARTE)

Deacons: for yesterday and today (part one)

Me. Erich Luiz Leidner

RESUMO

A igreja local na atualidade passa por diversas mudanças, influenciada por movimentos e por contextualizações, procurando cumprir a sua missão de forma mais eficiente possível. É de responsabilidade dos líderes da igreja examinar cada momento e verificar o que a sua comunidade necessita. Ser igreja de Jesus Cristo, submissa a Ele, cumprindo os seus propósitos, inclusive como liderança, é o grande desafio. Não deixar levar-se por modismos, nem permanecer estático, receosos de enfrentar a mudança. Para isto existe a liderança estabelecida pela Bíblia e que, quando esta ocupa o seu lugar segundo o ensino, a igreja será próspera e fará o seu papel na sociedade. Os

¹ O autor é formado em Teologia pela Faculdade Batista de São Paulo, com convalidação de Diploma pela Faculdades Batista do Paraná. Tem especialização em Gestão Eclesiástica pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras, de Curitiba, PR. Mestre em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Capelão e Professor na Faculdade Batista Pioneira, Secretário da Ordem dos Pastores Batistas - Seção Pioneira, e atua como Capelão na Associação Batista de Beneficência Tabea. Casado com Margareth, pai de Esther e Elizabeth. E-mail: elleidner@pioneira.org.br

diáconos são escolhidos para isso.

Palavras-chave: Diáconos. Serviço. Igreja. Liderança.

ABSTRACT

The local church nowadays undergoes several changes, influenced by movements and contextualizations, seeking to fulfill its mission in the most efficient possible way. It is the responsibility of church leaders to examine each moment and check what their community needs. Being a church of Jesus Christ, submissive to Him, fulfilling His purposes, inclusive as leadership, is the great challenge. Do not let go of fads take place, or remain static, afraid to face the change. For this there is the leadership established by the Bible and that when it occupies its place according to the teaching, the church will be prosperous and will play its part in society. Deacons are chosen for this.

Key-words: Deacons. Service. Church. Leadership.

INTRODUÇÃO

Servir na igreja de Cristo sempre é um desafio. Mas é também a razão de existir de cada membro da Igreja. A pessoa que recebe de Jesus a nova vida, pela ação do Espírito Santo, tornando-se filho de Deus, é ligada ao Senhor pela relação de serviço. Este, por sua vez, o serviço, não é prestado por obrigação, mas como resposta à oferta de nova vida recebida pela fé.

O maior exemplo de serviço é o do próprio Senhor Jesus. Disse que veio para servir e não ser servido, e exemplificou isto em cada dia de seu ministério: curando, alimentando, instruindo, expulsando demônios, e tantos outros gestos, culminando com o lavar os pés de seus discípulos. Após ter lavado os pés de todo o grupo, acrescentou que, assim como Ele fez, deveriam eles fazer também. Não há dúvidas de que este é o grande imperativo da igreja local: seguir a Jesus em seu exemplo.

Para isto, a Igreja recebeu a incumbência de, dentre os seus membros, escolher os supervisores deste trabalho. São os presbíteros/bispos, também identificados mais comumente como pastores, e os diáconos. É bem verdade que todos os membros são chamados para o ministério, pelo exercício de seus dons. Os assim chamados oficiais são escolhidos pela igreja para realizarem trabalhos específicos. Esta escolha segue um padrão estabelecido pela Palavra de Deus. Jamais deverão ocupar estas funções pessoas que se autopromovem.